

IGREJA
LUSITANA

COMUNHÃO
ANGLICANA

o novo despertar

PARA UMA IGREJA DE PARTILHA E MISSÃO

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

DEZEMBRO 2017

€1.50

Nº 176/177

*AQUELE QUE É A PALAVRA FEZ-SE HOMEM
E VEIO MORAR NO MEIO DE NÓS,
CHEIO DE AMOR E DE VERDADE.*

JOÃO 1, 14

Destques nesta edição



Pág. 4
Nova responsável pastoral na paróquia de S. Tomé



Pág. 9 a 16
III Encontro da Rede Lusófona da Comunhão Anglicana



Pág. 18 e 19
Workshop - O Grito dos pobres é o grito da Terra



Pág. 21
Maria, símbolo da novidade da vida

Leia e divulgue o Novo Despertar

registre-se em www.igreja-lusitana.org para receber a newsletter.
siga-nos no: www.facebook.com/igreja-lusitana
versão digital do Novo Despertar no site da Igreja



Ficha Técnica

Entidade Proprietária: Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica **Director** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves **Equipa Redactorial** - D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, Rev. José Manuel Cerqueira, António Manuel Silva **Colaboradores neste número:** D. Fernando da Luz Soares, Rev. José Manuel Cerqueira, Rev. Jorge Barros, Daniel José Ribeiro de Faria, Catarina Ferreira Sá Couto, Alexandra Vidal **Capa:** © lightstock.com/photos/feet-of-an-infant **Redacção:** Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** centrodiocesano@igreja-lusitana.org **Web:** www.igreja-lusitana.org **Tiragem:** 750 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Sersilito O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **NIB:** 0033 0000 00005468868 81 (Millennium BCP)



«Uma árvore erguida, por cada mulher caída»

Aquilo que vos digo, digo-o a todos: estejam bem atentos

(Marcos 13, 37)

D. Jorge Pina Cabral

O ritual foi repetido por dezoito vezes, tantas quantas as mulheres assassinadas em Portugal desde o início do ano de 2017 pelos seus maridos, companheiros e namorados. Começava pela referência ao nome e à idade da vítima, seguido da data e contexto da morte. Depois e simbolicamente, uma fita roxa (cor do Advento litúrgico) era atada, por uma mulher, à volta de um pequena árvore plantada num vaso. Uma árvore por cada mulher assassinada e uma frase-grito de oração que se elevava no ar e que se repetiu em voz alta por cada uma das vítimas: «uma árvore erguida, por cada mulher caída». A árvore era simbolicamente um carvalho. Uma espécie autóctone que é forte, resistente ao fogo e às intempéries mais diversas, a evocar a resistência e a luta de muitas mulheres, que resistem anos e anos a múltiplas formas de violência nas suas vidas.

Esta cerimónia pública, bem no centro da cidade do Porto, foi preparada e dirigida por mulheres. Impressionou-me a sua dignidade, determinação e organização. Eram apenas um pequeno punhado de mulheres, mas estavam determinadas a evocar a vida e a memória de outras. Ali, em plena praça pública, davam o seu testemunho e expunham sentimentos e emoções e o seu propósito firme de pôr fim à violência contra as Mulheres, dado tratar-se de uma questão de direitos humanos, de dignidade e de justiça.

A poucos dias do início do Tempo litúrgico do Advento e em plena campanha [#16diasativismo2017] este evento alertou-me para o modo como nos deixamos ou não interpelar pelos muitos e repetidos sinais que Deus coloca no nosso quotidiano. A vigilância ativa de que fala o Tempo do Advento requer a capacidade, ou se quisermos a sensibilidade, para nos deixarmos desafiar pelos outros e pelo modo como Deus se faz presente no seu agir. O quotidiano, com as múltiplas experiências de vida que proporciona, é o contexto natural da nossa vivência de fé e a oportunidade sempre renovada de acolher e perceber a Deus nos seus diversos sinais e manifestações.

Os simples e os humildes, muitas vezes fora do esquema religioso e até da ambiência das Igrejas, são os escolhidos para acolherem a revelação de Deus. Assim aconteceu com os pastores de Belém, que eram os pobres e os sem-abrigo daquele tempo (Lucas 2, 8-20). Foi a eles que o anjo se dirigiu e foi por eles que pela primeira vez a boa nova do Deus menino foi anunciada. Eles cantaram louvores a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto (v. 20).

Celebrar o Natal é também ser capaz de assumir e viver uma espiritualidade que faz suas as dores e os gemidos à nossa volta. Uma espiritualidade natalícia capaz de escutar outras vozes, mesmo que estas tenham um discurso e uma acentuação diferente daquilo que habitualmente escutamos no remanso das nossas Igrejas. Verdaderamente, a encarnação de Deus no menino Jesus faz da vida o lugar natural da revelação divina e santifica cada pessoa. Na humanidade de Jesus, toda a humanidade foi abençoada por Deus. No desfigurar do rosto das vítimas da violência é o próprio Deus que é desfigurado. Na sua morte é Deus que é crucificado.

Crer na encarnação e celebrá-la em cada Natal constitui, pois, um renovado compromisso não só com aquele que é a Vida, Jesus Cristo, como também com a própria vida, que na sua essência é o espaço e o tempo da teofania de Deus junto dos homens e das mulheres. Celebraremos o nascimento de Jesus sem esquecer as mortes e a dor causadas pelo pecado humano. Que o sentido de esperança e de eternidade que cada Natal nos traz nos reafirme na missão a que somos chamados, para glória de Deus e bem da humanidade.

Um Santo Natal para todos e um abençoado ano de 2018!

+ Jorge



Nova responsável pastoral na paróquia de S. Tomé

No Domingo dia 3 de Dezembro, e no decorrer da celebração Eucarística do I Domingo do Advento, o Bispo Diocesano colou a Diácona Raquel Teixeira, como nova responsável pastoral da paróquia de S. Tomé em Castanheira do Ribatejo. A celebração foi bastante participada como expressão do apoio da comunidade à nova responsável pastoral.

Foi no contexto do novo ano litúrgico que se iniciou, que D. Jorge na sua homilia, enquadrando a nova fase do caminhar comunitário de S. Tomé, sublinhando nas palavras de S. Paulo, a riqueza dos dons que por meio de Jesus Cristo, foram concedidos a esta comunidade, na aceitação e conhecimento da Palavra de Deus. O Bispo diocesano apelou assim a um renovado sentido de Missão da parte de todos como expressão do compromisso batismal assumido por cada um.

A Reverenda Diácona Raquel Teixeira expressou a sua alegria por poder deste modo continuar a servir a Igreja no exercício do seu ministério diaconal colocando agora os seus dons ao serviço desta comunidade concreta. A sua colação foi decidida em reunião da Comissão Permanente da Igreja ouvida a Junta Paroquial e após a resignação, por razões pessoais, da Reverenda Elisabeth Sena de responsável paroquial desta comunidade.

A Reverenda Elizabeth continuará a servir a Igreja ao nível dos Arciprestado do Norte. Oferece-se agora, a toda a comunidade, um renovado tempo de Missão num discernimento do chamamento que Deus faz a cada um.

Novos membros recebidos na Igreja



No planeamento pastoral das paróquias do Bom Pastor e do Salvador do Mundo, na cidade de Vila Nova de Gaia, pastoreadas pelo Revº Sérgio Alves, foram programadas receções de novos membros na Igreja, aproveitando a oportunidade da visita pastoral do Bispo Diocesano D. Jorge Pina Cabral àquelas comunidades. Na Paróquia do Bom Pastor, a 12 de novembro, durante a Eucaristia Dominical, foram recebidas na Igreja as Irmãs Ana Maria Roseira e Fátima Mesquita. A Paróquia do Salvador do Mundo, recebeu os novos membros Alexandra Vidal e José Miguel Mota, no culto de 10 de dezembro.

A receção de novos membros é segundo os cânones da Igreja um múnus do Bispo Diocesano e permite aos Irmãos, depois de um tempo de compromisso e participação na vida da comunidade, assumirem em pleno – direitos e obrigações – a pertença à Igreja Lusitana. A receção é um momento belo que ocorre na liturgia, após a oração dos fiéis e antes do abraço da paz.



Depois de um responsório individual, no qual a pessoa convictamente e publicamente assume a fé, o Bispo procede à sua admissão plena na comunhão da Igreja.

A comunidade paroquial que acolhe um novo membro vibra, ora e compromete-se, conforme dito na oração - damos-te graças, Senhor, por estes teus servos e servas que foram agora admitidas à plena comunhão desta tua Igreja. Defende-os com a tua graça e fortalece-os para que continuem teus para sempre e cresçam dia a dia no Espírito Santo. A nós, ajuda-nos para tudo fazermos a fim de que se sintam bem entre nós. Amen. Receber novos membros é acima de tudo um sinal de vitalidade, missão e esperança da Igreja que, pela ação do Espírito Santo, se renova em cada tempo, tocando novos corações para o testemunho de Cristo.

A Irmã Ana Maria Roseira, poetisa, testemunhou um texto de sua autoria, a propósito da receção na Igreja que intitulou:

Igreja do acolhimento e do abraço

Durante anos andei à procura de alguma coisa mais
De forma a dar mais sentido à minha vida espiritual.
Encontrei vários lugares, mas ainda não era ali...
Há alguns meses que tenho andado a pensar no assunto, e
Com a convicção de que me tinha de empenhar
Em encontrar o lugar certo.
Afinal, cada dia a mais..., é menos um...
Mas..., nem foi preciso procurar.
Deus, pondo no meu caminho alguns obstáculos e barreiras
Deu-me um empurrão
Para que eu pudesse encontrar outros lugares e pessoas
Através de pequenos gestos e pequenos passos
Levou-me à Igreja Lusitana – Paróquia do Bom Pastor
E, pouco a pouco, pequeninas coisas – ideias, sentimentos, atitudes e sorrisos, abraços
Foram tomando conta do meu coração.
Fiquei alegre, feliz, de coração cheio.
Creio que Cristo me acolheu e me fez um convite que eu aceito com Fé e de coração aberto.
Cumprir sim, não por obrigação, mas pelo coração.
Encontrei a igreja do acolhimento e do abraço
Peço que me aceitem nela e entre vós.

23º Campo de Férias do DMIL



«Alegrai-vos com os que se alegram; e chorai com os que choram.» (Rom. 12,15)

Realizou-se de 23 a 30 de Setembro passado o Campo de Férias do Departamento de Mulheres da Igreja Lusitana. O local escolhido foi a unidade hoteleira da Fundação Inatel, na Foz do Arelho. É um local muito agradável e com uma paisagem muito bonita e inspiradora. O Campo teve a participação de cerca de 25 pessoas vindas das diversas paróquias da Igreja Lusitana. O programa diário era composto de manhã pelos passeios a pé denominados de «Caminhar sem pressas» seguidos do almoço tomado em conjunto. Da parte da tarde realizou-se sempre um momento devocional de louvor, de oração e de reflexão sobre o tema do Campo de Férias, apresentado pela diácona Raquel Teixeira.

Foram tempos muito enriquecedores pelas aprendizagens e partilhas feitas. No contexto da quarta semana do Tempo da Criação houve lugar ainda para a reflexão bíblica sobre a Criação de Deus e o tema da energia sustentável que a todos nos compromete. No Domingo dia 24 de Setembro, o Bispo Emérito D. Fer-

nando da Luz Soares presidiu à celebração Eucarística que congregou para além dos participantes no Campo de Férias diversos membros da Igreja que deste modo se associaram ao momento.

O programa foi ainda enriquecido com a realização de dois passeios turísticos, um à cidade das Caldas da Rainha e outro à vila de Óbidos. Como manda a tradição, os novos participantes, os caloiros do grupo, foram submetidos a uma animada praxe que incluiu o célebre «jogo do pau», animado através de diferentes expressões artísticas. A cada caloiro foi conferido um colar com a medalha de caloiro que deveria ser mantido até ao final do dia. Também foi mantida a tradição do jogo dos amigos secretos que permitiu uma maior relação de amizade e de conhecimento entre todos.

No final do Campo de Férias e no coração de todos os participantes estava presente a alegria e a gratidão a Deus pelo tempo vivido em conjunto e pelo muito que cada um soube dar e partilhar com os outros.

Até para o Ano !



Plano Diocesano de Pastoral e Missão para o ano de 2018

«Igreja; comunidade de discípulos que faz discípulos e glorifica a Deus» (S. João 15,8)



A Comissão Permanente da Igreja Lusitana, esteve reunida nos dias 10 e 11 de Novembro passado, no Centro Diocesano em Vila Nova de Gaia.

Nos diversos assuntos que constituíam a agenda de trabalhos destaque para a aprovação do Orçamento da Igreja para o ano de 2018 com o conseqüente plano diocesano pastoral e de Missão que lhe dá corpo.

Dando seguimento às orientações sinodais a Igreja continuará a trabalhar na formação catecumenal através do Curso do Peregrino bem como no trabalho e formação para o discipulado intencional e a evangelização. Neste sentido será elaborado diverso material de divulgação e informativo a ser utilizado a nível paroquial para uma maior abertura das comunidades eclesiais ao meio circundante.

Previstas para a Catedral lusitana está um conjunto de Sabatinas mensais entre o Bispo diocesano e o grupo do clero e leitores da Igreja. No âmbito da formação teológica e fruto da colaboração com a Rede Lusófona, pretende-se que a partir de Setembro de 2018 seja possível oferecer via on-line um curso de Introdução ao Anglicanismo.

O 97º Sínodo Diocesano será o natural centro do caminhar da Igreja e naturalmente espera-se de orientação e visão para o futuro.

Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos

18 a 25 de Janeiro

Abertura e rededicação da Capela de S. Lázaro

28 Janeiro (Domingo) - Catedral de S. Paulo

Assembleia Geral do DMIL

3 de Fevereiro (Sábado)
Paróquia de S. Mateus (Vila Franca de Xira)

Retiro Quaresmal do Clero das Igrejas Ibéricas

26 de Fevereiro a 1 de Março
Seminário Nossa Senhora Fátima - Alfragide - Lisboa

Comissão Permanente

20 e 21 Abril - Centro Diocesano (Vila Nova de Gaia)

«Venha o Teu Reino» Evento diocesano de Evangelização e de Oração

19 de Maio - Sábado - Véspera de Pentecostes
Catedral de S. Paulo (Lisboa)

97º Sínodo Diocesano da Igreja Lusitana

31 de Maio a 2 de Junho - Catedral de S. Paulo (Lisboa)

24ª Edição dos Campos de Férias da Igreja Lusitana

22 a 29 Julho - crianças / 29 Julho a 5 Agosto - jovens

Pela primeira vez jornais históricos da Igreja Lusitana estão on-line.

Pela primeira vez, um Arquivo Público Português disponibiliza, em linha, duas coleções de periódicos de uma minoria religiosa, a Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica.

No âmbito de uma parceria estabelecida pela Igreja Lusitana com a Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia e o Arquivo Sophia de Mello Breyner, foi possível a digitalização dos jornais “Igreja Lusitana” e “O Bom Pastor” que foi realizada pelos serviços técnicos do arquivo.

Desde os finais de Novembro de 2017 que ambos os periódicos se encontram disponíveis para consulta *on-line*. Este importante desenvolvimento ocorre no âmbito do trabalho que está a ser realizado pelo Arquivo Histórico da Igreja Lusitana.

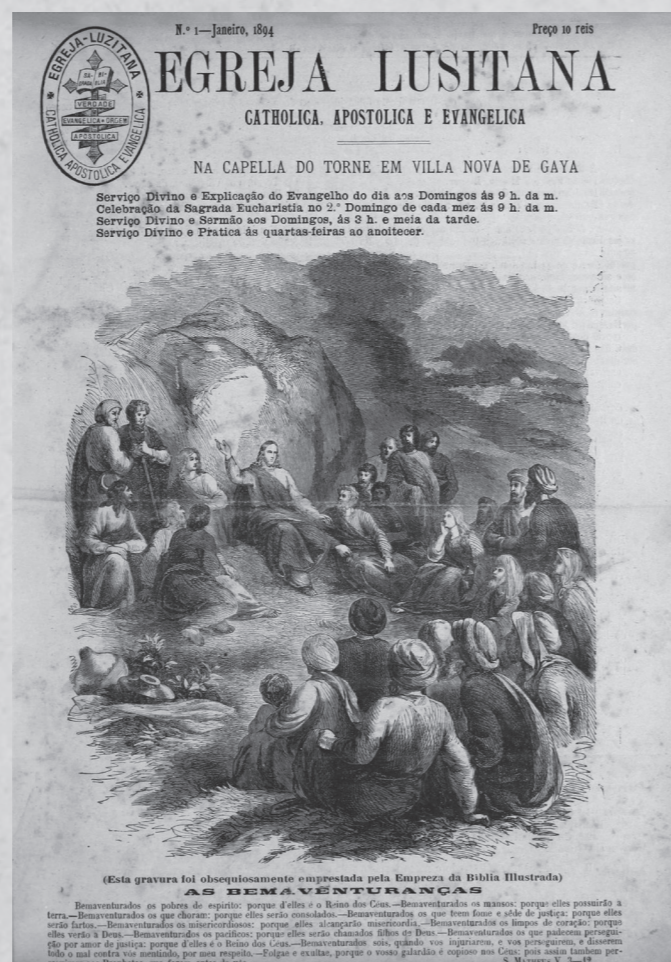
O jornal *Igreja Lusitana* (1894-1923) foi um importante jornal fundado e dirigido por Diogo Cassels e que contém numerosos textos e notícias de interesse para a história de Vila Nova de Gaia, com destaque para as igrejas e escolas do Torne e do Prado e outras comunidades lusitanas e protestantes.

Prosseguindo o programa de disponibilização na internet de fontes históricas da Igreja Lusitana relacionadas com Vila Nova de Gaia, o Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner disponibilizou no seu portal a coleção do jornal *O Bom Pastor* (1901-1916), boletim da paróquia lusitana do Candal dirigido por André Cassels, irmão de Diogo Cassels, com o precioso apoio do Reverendo Armando Pereira de Araújo.

Para aceder ao portal do Arquivo Municipal de Gaia deve digitar GISAWEB GAIA (<http://arquivo.cm-gaia.pt/>), depois é só escrever IGREJA LUSITANA. A partir deste momento, terá à sua disposição todos os exemplares dos jornais e respetivas digitalizações que poderá descarregar a qualquer momento, sem qualquer tipo de custo.

O Arquivo Histórico da Igreja Lusitana tem também levado a cabo algumas iniciativas de continuidade na divulgação do seu acervo a nível internacional. Sendo assim, foi assinado um protocolo com a Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e Bibliotecas, com o objetivo do Arquivo Lusitano ser integrado na Rede Portuguesa de Arquivos.

Igualmente foi assinado um acordo de fornecimento de dados com o Registo Nacional de Objetos Digitais (Biblioteca Nacional). O RNOD é um agregador de conteúdos digitais e digitalizados disponibilizado em rede por entidades portuguesas que visa a coordenação e difusão desses recursos, a nível nacional e internacional.



III ENCONTRO REDE LUSÓFONA DA COMUNHÃO ANGLICANA



“ALEGREM-SE COM OS QUE ESTÃO ALEGRES E CHOREM COM OS QUE CHORAM. VIVAM EM HARMONIA DE SENTIMENTOS”.

(ROMANOS 12,15)



Decorreu de 22 a 27 de Novembro passado, o III Encontro da Rede Lusófona. Coube à Igreja Lusitana organizar e acolher o evento que se realizou na cidade do Porto e congregou 35 pessoas entre delegados e convidados provenientes das Igrejas Anglicanas de língua lusófona (Portugal, Brasil, Angola e Moçambique) e ainda de agências missionárias anglicanas. O encontro foi um importante espaço de celebração, partilha e reflexão, com momentos devocionais e eucarísticos, sessões plenárias, partilha em grupos, estudos bíblicos, visita ao trabalho social desenvolvido pela Igreja Lusitana, e celebração dominical com as paróquias e comunidades lusitanas locais. De referir que cada Igreja e diocese presente, teve a seu cargo a apresentação de um estudo bíblico e a orientação de um momento devocional.

Na noite de abertura, houve um momento de memorial do episcopado de D. Daniel Pina Cabral, o nono bispo da diocese dos Libombos em Moçambique. No plano eclesial destaque para o jantar com convidados ecuménicos que congregou representantes das Igrejas presentes na comissão ecuménica do Porto. No Sábado, 25 Novembro, e no plano social e cultural realizou-se um passeio de barco no rio douro seguido por uma visita às caves do Vinho do Porto em Vila Nova de Gaia, experiências que enriqueceram a relação e a fraternidade entre todos. Nesse mesmo dia foi organizado um jantar para 50 pessoas entre os participantes no encontro e os membros dos diversos órgãos de gestão da Igreja Lusitana e seus cônjuges. No local do evento e ao longo de todo o programa esteve patente

uma exposição denominada de «Anglicanismo em Português – Abraço de três Continentes» que fez memória do caminho histórico percorrido entre as Igrejas lusófonas. A exposição foi organizada pelo Arquivo Histórico da Igreja Lusitana. Todo o encontro da Rede Lusófona foi assessorado pelo professor Paulo Ueti do Brasil.

PALESTRAS E COMUNICAÇÕES ENRIQUECERAM O PROGRAMA

Presente no encontro esteve o Bispo Anthony Poggo, representante do sr Arcebispo de Cantuária, para os assuntos da Comunhão Anglicana. Em carta enviada, Justin Welby, Arcebispo de Cantuária, saudou a realização do encontro encorajando a rede lusófona no seu compromisso de missão com as mulheres e os jovens, na sua ênfase com o discipulado intencional e compromisso com o desenvolvimento social e o diaconado. Numa interessante palestra, subordinada ao tema da «Língua Portuguesa, veículo de cultura e de relação», a Professora Universitária Isabel Margarida Duarte, apontou a riqueza da língua portuguesa enquanto língua pluricêntrica, atualmente com 265 milhões de falantes espalhados por todo o mundo. A lusofonia foi apresentada como um espaço de troca mas também de aprendizagem no respeito pela diver-

sidade cultural, histórica e social que assiste a cada país lusófono. O português é uma língua de partilha e de encontros e que não é propriedade de ninguém. No contexto das apresentações feitas no decorrer do programa, é de sublinhar também a intervenção da Reverenda Rachel Mash sobre «Teologia da Criação e a Missão da Igreja». Começou por identificar diversas teologias que sustentadas numa errada interpretação bíblica como que justificam o mau uso e abuso dos recursos da terra e criam uma separação artificial entre os elementos constitutivos da criação e levam a uma quebra da relação entre os humanos, os animais e as espécies. É o caso de uma Teologia «Escapista» que condena o mundo e tem uma visão dualista do homem e da Teologia da Prosperidade que sustenta a realização e a felicidade humana na retribuição material e na acumulação de bens materiais e conseqüente desresponsabilização pelo cuidado da Criação. A estas visões compartimentadas da vida e da Criação, Rachel Mash apontou um conceito de Salvação capaz de integrar a dimensão individual e comunitária da vida sustentado na busca da Reconciliação entre o Homem e Deus, entre nós próprios e entre nós e todos os elementos da Criação.

COMUNICAÇÃO É VITAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA REDE LUSÓFONA

Uma presença ativa no decorrer do III Encontro Lusófono foi a de Adrien Butcher, director para as Comunicações na Comunhão Anglicana. O antigo jornalista da BBC encarregou-se não só de fazer a cobertura mediática do encontro para o contexto da Comunhão Anglicana, como ajudou todos os presentes a refletirem na importância da comunicação para o desenvolvimento da Rede Lusófona.

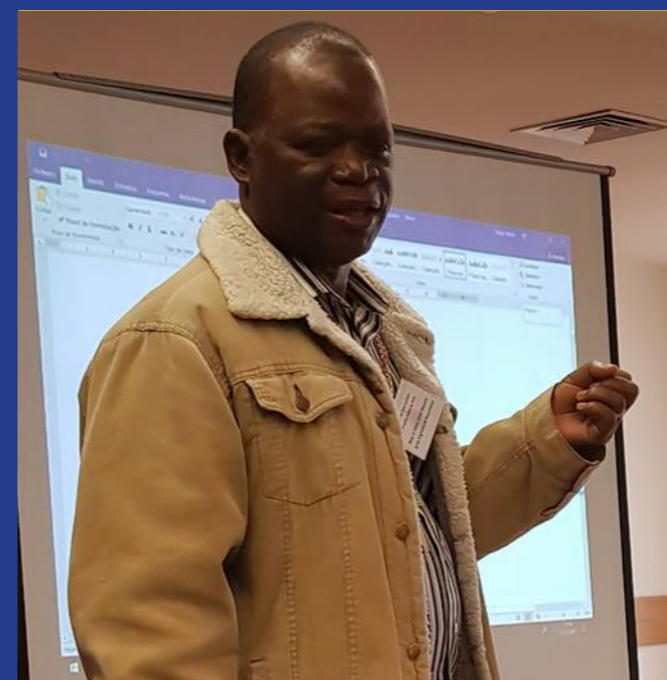
Atualmente e no contexto do mundo Anglicano existe uma preocupação em partilhar notícias e material noutras línguas que não apenas o Inglês. Nesse sentido, o Português é uma das línguas em crescendo no contexto da comunicação anglicana. Salientando a riqueza existente nas Igrejas lusófonas, Butcher destacou a importância de se partilharem através das diversas plataformas digitais, histórias concretas com rostos e factos, que expressem a missão que é desenvolvida.

Num esforço de comunicação das riquezas vividas em cada fase do programa do Encontro, foram sendo partilhados vídeos dos diversos momentos na plataforma do facebook da Igreja Lusitana. No reconhecimento da importância específica desta área, formou-se um grupo entre os participantes que permitiu já a criação de um website e de um facebook da Rede Lusófona. Cada diocese e Igreja irá nomear um responsável para a área da Comunicação Lusófona.





DESAFIOS E OPORTUNIDADES DAS IGREJAS LUSÓFONAS



O estreitamento do trabalho em rede pressupõe o natural conhecimento entre as partes da realidade que caracteriza cada uma das Igrejas e dioceses lusófonas. Nesse sentido, o programa do III Encontro da Rede Lusófona guardou tempo para que cada Igreja partilhasse com as demais os atuais desafios e oportunidades de missão que se lhe colocam. Tal aconteceu numa sessão denominada de «Sinais dos Tempos» :

D. Jorge Pina Cabral, referiu que a Igreja em Portugal enfrenta as dificuldades e exigências que uma sociedade secularizada e muitas vezes indiferente à questão religiosa coloca ao trabalho de missão e de evangelização das Igrejas. Neste contexto social e cultural, as debilidades de uma pequena Igreja como sejam a falta de vocações para o ministério ordenado ou os escassos recursos financeiros, como que se agravam e por vezes inibem o trabalho de evangelização que se requer. Precisamente neste quadro de exigência relembrou que a Igreja iniciou no último Sínodo diocesano um aprofundamento do sentido da Missão à luz de um maior discipulado intencional por parte dos seus membros.

Nesse sentido, a formação da fé cristã dos membros da Igreja através do Curso do Peregrino atualmente a

decorrer na diocese é vista como um sinal de esperança e de futuro, bem como o esforço realizado na gestão e maior aproveitamento dos recursos humanos, materiais e espirituais que a Igreja Lusitana possui. Sublinhou também o importante trabalho de compromisso social que a Igreja continua a desenvolver a vários níveis.

O Bispo André Soares referiu que a Igreja em Angola é predominantemente jovem e que existe um sentimento de otimismo e de esperança no futuro. Afirmou que há 100 000 crianças esperando pelo batismo. No entanto as dificuldades financeiras colocam pressão na sustentação do clero desta Igreja havendo necessidade dos ministros recorrerem a outros empregos. Deu um exemplo de um ministro da Igreja que com dificuldades servia 20 Igrejas à sua responsabilidade. Agradeceu às agências externas como a MANNA, ALMA e USPG que têm ajudado a Igreja em Angola a desenvolver o seu trabalho social e realçou o forte empenhamento da Igreja no combate à doença da Malária em Angola.

Os três bispos de Moçambique, D. Carlos Matsinhe, D. Vicente Msosa e D. Ernesto Manuel, representando as dioceses dos Libombos (a Sul) e do Niassa (a Norte) referiram o significativo crescimento numérico da

Igreja Anglicana neste país apesar da escassez de recursos humanos e materiais. A sustentabilidade futura da Igreja apresenta-se como um forte desafio. Num processo que se quer bem refletido e planeado espera-se no futuro a criação de mais dioceses Anglicanas em Moçambique para melhor servir as necessidades de missão da Igreja.

Como projeto vital para a formação e sustentação teológica do trabalho da Igreja está a edificação de novas instalações para o Seminário Teológico S. Cristovão que existindo há já 40 anos necessita de alargar o seu espaço para acolher um maior nº de seminaristas. Também e nesta área a Igreja procura redefinir os conteúdos da própria formação teológica. Ambas as Igrejas Africanas (Moçambique e Angola) destacaram o importante papel e contributo das mulheres através da respetiva «União das Mães», organização feminina Anglicana com forte tradição e presença em África e um pouco por todo o mundo.

D. Alves Naudal, bispo da diocese de Curitiba da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil apresentou a situação atual sublinhando o particular contexto social e político que este país irmão atravessa. Num contexto

de crescente repressão política e cerceamento das liberdades e direitos humanos, a Igreja tem procurado através de diversos pronunciamentos ser uma voz profética na denúncia de situações que atentam à liberdade e à democracia.

Afirmou o empenhamento da Igreja na luta contra a violência de género e o seu compromisso com a salvaguarda da criação e as questões do meio ambiente. O atual processo de formação teológica à distância e via internet que a Igreja Brasileira tem vindo a desenvolver é visto como um bom recurso a partilhar com as restantes Igrejas lusófonas.



TESTEMUNHOS



Vitória Malauene - Moçambique
«as mulheres devem incentivar as famílias à oração»

ND – Sobre o Encontro...

Descrevo este encontro como algo muito importante, que pode unir a Comunhão Anglicana em todos os âmbitos; no âmbito da mulher e em toda a Igreja. É uma boa oportunidade para os Libombos, porque trocamos experiências e aprendemos uns com os outros.

ND – Na diocese de onde vem, os Libombos, qual o papel das mulheres na missão da Igreja?

As mulheres encorajam na oração, ajudam muito as pessoas fragilizadas espiritualmente ou mesmo as famílias que têm problemas no seu dia-a-dia. É nosso dever como mulheres: primeiro, incentivar as famílias para que vivam no amor de Cristo; segundo, incentivar as famílias para que vivam com a oração, que é muito forte, e vivam sempre em comunhão e harmonia, para poder ultrapassar todos os problemas que venham a ter.



Christina Winnischofer - Brasil
«não podemos deixar a violência doméstica cair no esquecimento»

ND – Sobre o Encontro...

Gostei muito deste encontro. Chegando aqui em Portugal, que é um povo muito acolhedor, principalmente na Igreja... nos faz sentir em casa, e também pela oportunidade de reencontrar pessoas da família anglicana, e também conhecer novas pessoas. Faz-nos sentir fortalecidos, essa sensação de estar em casa onde quer que a gente esteja.

ND – A violência doméstica, especialmente a violência de género, é um tema em destaque. Como enfrenta a igreja anglicana do Brasil esse problema?

A violência contra as mulheres é um problema muito grande no Brasil. Os números mostram isso, e percebemos várias formas de violência, tanto física como psicológica. Já há algum tempo a igreja brasileira tem trabalhado com uma cartilha produzida pelo serviço anglicano de diaconia, que nos ajuda muito a discutir e a trazer esse assunto à luz, identificando sinais de violência e as formas de enfrenta-la. No início, foi muito desconfortável para as pessoas falarem nisso... mas, pouco a pouco, nós vamos difundindo mais esse diálogo e nos preparando. Não podemos deixar esse assunto cair no esquecimento.



Bispo André Soares - Angola
«as igrejas estão cheias de crianças»

ND – Como explica o crescimento da Igreja em Angola?

O crescimento da Igreja em Angola é obra do Espírito Santo. Nós dependemos do Senhor. Mas graças a Deus, vivemos um tempo em que os obreiros estão muito motivados e assim vão consolidando e plantando novas congregações. Este tempo de crescimento é muito belo e animador. Os nossos descendentes continuarão a viver a alegria da nossa Igreja.

A Diocese tem 152 000 membros. Como as famílias são muito numerosas as Igrejas estão cheias de crianças com vontade de aprender e ajudar a Igreja a crescer.

A Igreja está muito comprometida na erradicação da malária. Tem projetos no terreno com o objetivo de educar e sensibilizar as pessoas. Por exemplo, através da distribuição das redes mosquiteiras. Mas não basta distribuir, porque pode acontecer que as pessoas comecem a usar as redes mosquiteiras para apanhar peixe. Importa ensinar a usar, despertando as consciências, e para isso, os ativistas da igreja que acompanham as pessoas prestam um grande serviço de amor ao próximo.

ND – Como avalia este encontro da rede Lusófona?

Foi ótimo! Muito bem organizado e com conteúdos importantes para o fortalecimento da rede. A língua portuguesa está a crescer e vai crescer ainda mais e por isso nós temos um espaço importante na Comunhão Anglicana. Temos que concretizar parcerias no terreno: formação teológica e cristã, intercâmbio de clérigos e apostar na comunicação e redes sociais.



Bispo Manuel Ernesto - Moçambique
«é importante educar o povo»

A Diocese de Niassa está a crescer muito em termos numéricos! Mas é muito importante, nesta fase, educar o povo, dando-lhes boas bases bíblicas e doutrinárias porque, dum momento para outro, o povo pode “virar” para outra Igreja, assim como o vento muda de lugar. Para mim a formação catequética e teológica são alicerces fundamentais para a realidade da nossa Diocese. Através da Rede Lusófona talvez possamos desenvolver projetos de formação de líderes nas comunidades locais.

FUTURAS ÁREAS DE MISSÃO CONJUNTA



1 - DIACONIA E CUIDADO COM A CRIAÇÃO

- Foi renovado o compromisso das igrejas com o cuidado e a integridade da Criação e do Meio Ambiente, tendo cada Igreja designado um representante para integrar o grupo de trabalho lusófono da organização Green Anglicans;
- Cada Igreja irá apontar um responsável pela área de trabalho diaconal e desenvolvimento social para a partilha dos projetos já existentes e futuros intercâmbios de colaboração. Foi bem acolhida a possível participação de jovens das Igrejas no desenvolvimento dos projetos sociais em curso nomeadamente em África;

2 - EDUCAÇÃO CRISTÃ E FORMAÇÃO TEOLÓGICA

- Colaboração da JUNET (Junta Nacional de Educação Teológica – IEAB) para a elaboração do plano de educação teológica para o futuro Seminário das dioceses de Libombos e Niassa. (Moçambique) e partilha com as restantes Igrejas do curso de «Introdução ao Anglicanismo» em modo de formação à distância (e-learning);
- Colocação on-line de recursos de formação teológica e de educação cristã já existentes em português, nomeadamente ao nível da Escola Dominical, preparação de jovens e catecumenato de adultos;

3 - JOVENS E MULHERES

- Intercâmbio de experiências e de voluntários na área de evangelização e discipulado intencional entre mulheres e jovens;

4 - COMUNICAÇÃO

- Criação de uma página em português para a Rede Lusófona no site oficial da Comunhão Anglicana (www.anglicancommunion.org) e de um Facebook próprio da Rede Lusófona;
- Instituição no Domingo da Festa de Cristo Rei (último Domingo do Calendário Litúrgico) do Dia da Rede Lusófona da Comunhão Anglicana;

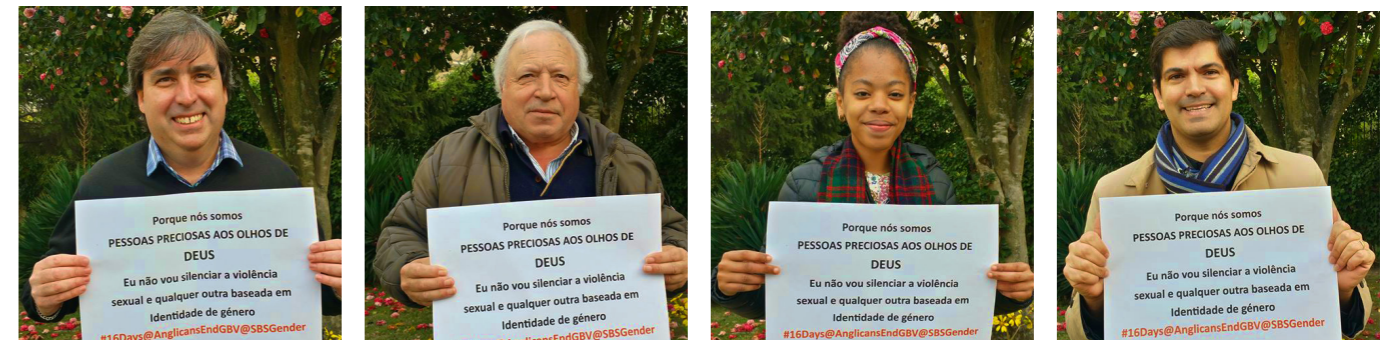
5 - COORDENAÇÃO DA REDE LUSÓFONA

Ficou assim constituído o grupo de coordenação:

- Bispo Jorge Pina Cabral (Portugal)
- Reverendo Garcia Kazailawoko (Angola)
- Reverendo António Nhaca (Diocese dos Libombos, Moçambique)
- Bispo Vicente Msosa (Diocese de Niassa, Moçambique)
- Reverenda Magda Guedes Pereira (Brasil)



«Preciosos aos olhos de Deus» fim à violência doméstica e de género



“Diz ao mundo que por sermos preciosos aos olhos de Deus, não nos calaremos perante a violência sexual e a violência de género”. Anglicanos em todo o mundo juntamente com companheiros ecuménicos participaram numa campanha com os media sociais para publicitar o seu compromisso na mudança de atitudes e comportamentos que diminuem as nossas vidas.

A campanha dos 16 dias de ativismo contra a violência de Género, decorreu de 25 de Novembro, dia Internacional para a eliminação da violência contra as Mulheres, a 10 de Dezembro, dia dos direitos humanos.

Aproveitando a rede do Twitter e do Facebook tiraram fotos segurando um cartaz com um apelo/compromisso : «Porque nós somos pessoas preciosas aos olhos de Deus, eu não vou silenciar a violência sexual e qualquer outra baseada em identidade de género». Em Portugal e nos últimos 14 anos, 500 mulheres foram assassinadas e em 2017, 18 mulheres perderam a vida em consequência da violência doméstica.

O Bispo e mulheres da Igreja Lusitana associaram-se a 29 de Novembro passado a uma ação promovida pela UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta) em memória das vítimas de violência doméstica e de prevenção futura.



Workshop

«O Grito dos pobres é o grito da Terra»

Promovido pelo Secretariado Juvenil da Igreja Lusitana realizou-se a 27 de Novembro passado na Escola do Torne em Vila Nova de Gaia um Workshop dedicado ao tema da Criação. O evento congregou cerca de 20 participantes e teve como oradora a Reverenda Rachel Mash, da Igreja Anglicana da África do Sul, coordenadora da rede ambiental desta Igreja e diretora da organização ambientalista «Green Anglicans».

Numa intervenção bíblicamente fundamentada a oradora referiu a nossa condição de mordomos da criação de Deus (Salmo 24,1) e a obrigação que nos foi dada e que consiste em cuidar da Terra que nos foi confiada (Génesis 2,15). Os textos da Sagrada Escritura ensinam-nos a interdependência existente entre Deus, os seres humanos e a natureza numa relação que se deve sustentar no amor, no cuidado e no serviço e não em qualquer desejo humano de posse e de exploração dos recursos ambientais para fins egoístas.

Apresentando exemplos e imagens de poluição e de contaminação dos recursos naturais, a Reverenda Rachel citou o relatório do WWF (World Wildlife Fund), 'Planeta Vivo', que indica que nos últimos 40 anos, 40% dos animais terrestres, 60% dos animais fluviais e 40% dos animais oceânicos foram eliminados, com consequências dramáticas para a diversidade e equilíbrio animal.

Noção importante introduzida na exposição foi a da correlação existente entre o aquecimento global provocado pelo homem e o aumento da pobreza no mundo em consequência dos fenómenos naturais e alterações climáticas que são já uma evidência nos tempos de hoje.

Os participantes no Workshop tiveram ainda a possibilidade de realizar trabalho em grupo do qual resultou um conjunto de medidas práticas que devem ser seguidas pelos cristãos e pelas Igrejas. Entre outras destacamos:

- educação para combater o desperdício (alimentar e de outros recursos), priorizando o Reduzir, Reutilizar e por último o Reciclar;
- análise aos consumos de energia nos edifícios da Igreja e forma de os reduzir;
- otimizar a gestão do consumo de papel no trabalho da Igreja;
- Instalação de painéis solares nos edifícios pertencentes à Igreja;
- educar para a redução do consumo de energia trabalhando este tema nas Escolas dominicais, com os jovens e nos estudos bíblicos;
- maior dinamização nas paróquias do Projecto «Ecos Humanos» promovido pela AETP em parceria com o SJIL.

No final era visível a satisfação entre todos os participantes pelos conhecimentos adquiridos e pelo reforço do compromisso com a quinta marca da Missão da Comunhão Anglicana : «Lutar, preservar e sustentar a integridade da criação, renovando a vida na terra».

Um Testemunho Jovem

«Escuta o Grito dos Pobres, Escuta o Grito da Terra», qual a correlação destas duas frases? Esta pergunta estaria na mente de muitos dos participantes do workshop dado por Rachel Mash no passado dia 27/11, por volta das 19:30, na escola do Torne.

Encontrei a resposta a essa pergunta num livro da jornalista norte-americana Naomi Klein, “a atmosfera (o céu) não tem fronteiras”¹. Por mais que possamos definir que Portugal, Espanha, Moçambique começa aqui e termina ali, ao poluirmos um sítio os danos ultrapassam as fronteiras políticas. A Terra está interligada por rios, oceanos e ar.

Assim elucidava Rachel Mash, Coordenadora da Rede do Meio Ambiente da Igreja Anglicana da África do Sul. Com efeito, foi-nos mostrado um mapa onde se assinalava a intensidade das consequências das alterações climáticas nos continentes num futuro próximo (2050): a Europa e os EUA, que mais poluem, poucas consequências sofrerão enquanto África do Sul, que pouco polui, verá a produção agrícola diminuir para menos 50%. Consequentemente, a pobreza e a morte por fome aumentará ainda mais naqueles que já pouco têm.

Por este motivo, não podemos falar em ambiente, alterações climáticas, sem falar de Ecojustiça. Este conceito na Fé, enquadra-se na nossa relação ao próximo, com o pobre, mas não só, encontra-se no primeiríssimo mandamento dado por Deus ao primeiro Homem em Génesis: “Cuida da minha Terra”. Neste ponto, incidiu a abordagem teológica ao tema do workshop.

Mas nem todas as nossas acções têm consequências do outro lado do planeta, algumas já nos corroem. Não falo das secas, dos incêndios mas do plástico.

Há ilhas de lixo nos oceanos, constituídas por, além de plásticos, de microplásticos. Estes entram na corrente marítima e na cadeia alimentar humana. As espécies tomam-nos por alimento, comem o microplástico e nós comemos as espécies. Mesmo através do sal que pomos nos nossos alimentos, ingerimos microplásticos².

Antes de mudar o mundo, mudemos nosso m2. Concluímos um conjunto de medidas que, implementadas na nossa igreja, fariam diminuir as emissões de carbono e o desperdício de recursos ao planeta: apostar nas formações e na educação sobre estes assuntos nas escolas dominicais, paróquias e com os jovens; desenvolver o projecto “Ecos Humanos” já em curso; analisar a gestão do consumo de energia, papel e desperdício alimentar para a optimização destes recursos nas paróquias e igreja em geral; investir em painéis solares nos edifícios propriedade da igreja; em suma, priorizar o Reduzir, Reutilizar e Reciclar.

Para todos os que por algum motivo não compareceram mas têm curiosidade em saber tudo, fiquem atentos à página do SJIL, vai haver novidades!

*Catarina Ferreira
Membro da Direção do SJIL*

¹ <https://klein,naomi, Tudo Pode Mudar, Capitalismo Vs. Clima”, Editorial Presença, 2016, p. 56 e 94>

² <https://www.publico.pt/2017/05/05/ciencia/noticia/andamos-a-temperar-a-comida-com-sal-que-tem-microplasticos-1771004>

Natal e o novo rumo que se nos oferece

“E, sendo por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho.”

Mateus 2:12

A História da Encarnação de Deus em Cristo tem o cunho da eterna originalidade da sua relação com este mundo. Mundo que tem origem na sua Imaginação Divina. Por isso Ele colocou nele a toda a diversidade de seres, e por outro lado tem o cunho da eterna originalidade da sua relação com o Homem, e esse sim, leva o cunho e a assinatura da sua imagem e semelhança. Por isso Deus age na Criação de forma diferente da que age com os seres humanos. A Criação não é feita à sua imagem e semelhança, mas os homens e as mulheres sim. São sua imagem e semelhança na pretensa plenitude da sua inteligência, da sua inspiração e na sua criatividade.

Um dos sinais mais extraordinários da nossa imagem e semelhança com Deus é termos a capacidade de também criar e imaginar, a diferença é que o que nesse processo fazemos é sempre passageiro e condenado ao desaparecimento, e o que Deus faz é permanente e imutável! Nas narrativas do Nascimento do Menino Jesus nos Evangelhos, está contido um resumo inigualável da Criação. Não é por acaso que Paulo vai chamar a Cristo Novo Adão, vai chamar ao mundo nova criação e no topo da sua compreensão, vai dizer o que outros, noutras religiões diziam na sua ignorância própria, que a Criação sendo feminina, é uma Eva que “geme com dores de parto”.

Por isso a Esperança que o nascimento de Jesus também traz consigo lembra-nos que de dentro deste mundo, das suas entranhas, à custa de muitas dores, espasmos e contracções, sairá e nascerá outro mundo, mais perfeito e mais completo rumo à eternidade. Suspeito que devemos parar um pouco para pensar nesta palavra: “rumo”. Toda a Escritura é atravessada por ela. E às vezes pelo seu contrário, pelo “não-rumo”. Desde os tempos mais imemoriais e mais antigos da Revelação de Deus a Israel que se alteram todos os rumos e o rumo de toda a Humanidade. Com o Deus que se Revela na Criação, os elementos, o caos, o vazio, a ordem, tudo subitamente toma um rumo. Sente-se palpitar por todo o universo a necessidade de ordem que é uma forma de rumo.

Todos os elementos rumam para o seu devido lugar, a fim de haver uma nova ordem. Abraão, Isaac, Jacob, José, as doze tribos de Israel, Moisés, os Profetas, os Reis... todos tendo contacto com Deus uma vez, não só deixam de ser quem eram antes, mas como que renascem, renovam-se, mudam de rumo e mudam de rumo todos à sua volta. Passam a ser agentes de transformação, não pretendendo fazer pessoas iguais a si próprios, mas serem inspiradores e ajudar outros a encontrar o seu rumo em conformidade com a vontade de Deus, que nem sempre é fácil de descobrir.

Nas narrativas do Nascimento de Jesus muda de rumo a vida de Isabel, Zacarias, de José, de Maria, até o “Velho Simeão” sente que se pode deixar morrer em paz e rumar ao Reino porque já os seus olhos tinham visto a salvação preparada por Deus desde o princípio do mundo; os pastores que deixam os seus rebanhos; Herodes que sentiu que o poder político e a autoridade iam sofrer uma transformação radical. E finalmente estes Magos peregrinos do texto que escolhi, que vêm visitar o Menino.

Saem das suas terras; rumam à terra apontada; seguem o rumo da estrela; perguntam pelo lugar; afirmam ter visto a estrela; encontram Jesus; entregam-lhe os seus presentes sem dizerem palavra, e regressam. Mas avisados por divina revelação para não voltarem para junto de Herodes, regressam às suas terras por outro caminho. Tomam outro rumo. É assim mesmo, é a consequência do Nascimento e da visita ao Menino Jesus. Em quem Ele toca ou é tocado por Ele, nunca mais é o mesmo, mesmo que queira.

Quem é tocado por Ele ou quem o toca, por divina revelação passa a ter uma impossibilidade natural de voltar à banalidade, à vulgaridade, ou a uma vida sem sentido. Numa palavra: muda de rumo! Voltamos todos a casa e à nossa terra, é verdade, todos necessitamos de mais tarde ou mais cedo voltar a casa e à nossa terra, mas vamos todos por outro caminho. Por um caminho novo. Não é por acaso que mais tarde, tomando a palavra Ele nos irá lembrar: “Eu sou o Caminho...”

Rev. José Manuel Cerqueira

Maria, símbolo da novidade da vida

De facto, sabemos muito pouco de Maria, Mãe de Cristo. Mas noto que em todas as nossas tradições, que ela é sempre humana e sempre foi reconhecida nessa condição humana, amorosa, temerosa e sofredora. Como mãe ela guardou todas as coisas no seu coração.

Faz lembrar a criança que nos seus braços é absolutamente dependente do seu amor. Mas ela também faz lembrar os horrores dos seres injustos e do mal insensível. Existe também no seu coração uma espada que o trespassa.

E no entanto, aqui está ela como mãe da vida. É a ela que recorremos para nos guiar quando estamos angustiados. Ela sabe o que é dar à luz e conhece os horrores do ódio e da morte – e no entanto mantém-se como símbolo da beleza e da novidade da vida. Maria invoca o amor para o centro das nossas vidas - ela requer a nossa atenção.

O amor não é qualquer coisa acerca do qual posamos falar. Verdade e esperança não são apenas discursos para debates. A justiça não é para momentos gloriosos, nem a fé é assim! Nós temos sonhos – sonhos acerca de uma boa nação onde confiamos na verdade, baseados em factos. Temos fé em pessoas que acreditam na franqueza. O amor tem que fazer parte da nossa forma humana de viver. Na Igreja falamos acerca de “Encarnação”. Deus tornou-se carne – Deus tornou-se real e desde aí tornou-se num sonho.

As pessoas não estão cá para obedecer – estamos aqui para viver em liberdade, para combater o racismo, a fome, a pobreza. Estamos aqui para cantar acerca da criação e para tomar conta dela. Estamos aqui para amar as nossas nações, mas ao mesmo tempo devemos ter cuidado com as palavras perigosas. Cristo não foi reconhecido quando caminhava para Emaús – nem sempre nós reconhecemos a verdade e a esperança. Existe verdade no mundo, e há fé e podemos senti-la.

Assim, pedimos: “traz-me a minha taça de ouro ardente/ traz-me as minhas flechas de desejo; traz-me a minha lança: Ô nuvens que vos mostrais!”. E assim não cessamos a luta mental nem a espada do amor alguma vez deixará de ser usada pelas nossas mãos, mas construiremos Jerusalém, sonharemos e criaremos boas nações por todo o mundo.

Oração:

Amado Criador dos céus e da terra. Tudo nesta terra Te pertence, a pá, a erva e as montanhas, a formiga e o elefante, as pequenas crianças e os grandes governadores. Tu és o nosso norte e o nosso sul, o nosso oriente e o nosso ocidente, o nosso trabalho e o nosso descanso, a nossa lua e a nossa meia-noite, o nosso discurso e o nosso cântico. Nós cantamos os teus louvores nas nossas Igrejas e trabalhamos para Ti no mundo.

Pedimos-Te agora: Não nos deixes esquecer que somos cidadãos do Reino de Deus, e que a nossa responsabilidade é servir-Te e uns aos outros, não a nós mesmos. Dá-nos a coragem de permanecer ao lado daqueles que trabalham pelos seus próprios interesses e pelos Teus. Considera-nos sempre cidadãos do Teu Reino, Tu que és o Deus da alegria, a fonte do perdão, o espírito da vida.

Peter Skoob-Jakobson
Bispo Luterano de Copenhaga



A demanda da história de Jesus, o Cristo

Existe uma pluralidade de olhares sobre Jesus. Não será coincidência o facto do cristianismo primitivo ter oficializado quatro evangelhos no cânone bíblico. Do mesmo modo, é imensa a diversidade de perspetivas sobre Jesus como figura histórica, porventura a figura mais estudada da História da Humanidade.

A intensa investigação dos últimos séculos sobre o Jesus histórico tem tido o indiscutível mérito de ter permitido um conhecimento cada vez mais profundo do núcleo essencial da fé cristã e ao recentrar o foco do cristianismo em Jesus, o Cristo, e à sua significação fundamental para a revelação do plano de Deus junto da Humanidade.

Atualmente, cerca de um terço dos seres humanos do nosso planeta dizem-se cristãos. Além disso, existem pessoas de outras religiões e inclusive sem identidade religiosa que admiram a sua vida e mensagem, embora não se reconheçam no cristianismo. A sua figura foi de tal modo determinante que a História se dividiu em antes e depois de Cristo.

Daí a relevância de conhecer o processo de demanda do Jesus histórico. Durante muito tempo, Jesus não foi estudado como uma figura histórica no sentido moderno do termo. Por um lado, os cristãos consideravam os evangelhos canónicos como relatos factuais da sua vida. Por outro lado, a generalidade dos não cristãos não expressavam muito interesse pela sua figura.

Esta situação modificou-se radicalmente com a modernidade, que enfatizava a razão e no espírito crítico.

Foi neste contexto que surgiu a busca do Jesus histórico, sendo possível distinguir três grandes etapas.

A primeira etapa ocorreu nos séculos XVIII e XIX, tendo tido como principais autores Hermann Reimarus, Friedrich Strauss e Ernest Renan. As suas principais características foram as seguintes:

- A interpretação dos evangelhos de acordo com um determinado paradigma (Jesus poderia ser considerado como um reformador religioso e social ou um mestre da sabedoria);
- O ceticismo em relação às narrativas relativas à presença do sobrenatural.

No início do século XX, Albert Schweitzer e Rudolf Bultmann mostraram diversas reservas em relação à possibilidade de conhecer o Jesus histórico, considerando que o Novo Testamento era sobretudo um testemunho de fé das primeiras comunidades.

A segunda fase da investigação histórica sobre o Jesus histórico deu-se no início da década de 1950, sob o impulso de Ernest Käsemann, que criticou Bultmann, considerando que existe uma ligação entre a compreensão do mistério da Páscoa pelas comunidades e o conhecimento do Jesus terreno.

No âmbito desta segunda fase, destacaram-se, entre outros, Charles Doody, Günther Bornkamm, Jacques Dupont, James Robinson e Joachim Jeremias.

Os principais contributos desta fase foram os seguintes:

- O Novo Testamento transmite-nos mais a fé das comunidades primitivas do que a trajetória do Jesus histórico;
- A singularidade de Jesus distingue-o do seu contexto judeu e das comunidades pós-pascais;
- O centro da vida e da mensagem de Jesus foi a proclamação do Reino de Deus.

A partir da década de 1980, emergiu a terceira fase da demanda, que tem uma grande pluralidade de autores, como Ed Sanders, Geza Vermes, Marcus Borg, John Dominic Crossan, entre muitos outros.

A terceira fase apresenta as seguintes características:

- A ênfase na interdisciplinaridade, promovendo o contributo de outras ciências, como a antropologia, a sociologia e a linguística;
- O reforço do conhecimento da vida terrena de Jesus e do seu contexto espaço-temporal;
- A redescoberta e a valorização do judaísmo de Jesus;

O Evangelho de Marcos diz-nos: «Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus» (Mc 15, 39). Esta frase expressa a relação íntima de Jesus com Deus, de modo que Jesus é a manifestação humana por excelência de Deus. Jesus revela Deus através das palavras e atos, na sua práxis libertadora e no movimento de milhões de seres humanos que tem compartilhado o projeto do Reino de Deus.

A sua relação com Deus é tão estreita que tudo Jesus diz e faz é Deus que fala e age. Na humanidade exemplar de Jesus, apreende-se o rosto do Pai (Abba) e o sentido glorioso da sua divindade. Como disse uma vez Leonardo Boff: «Quando mais humano se apresenta Jesus, mais Deus se manifesta. Quando mais Deus é Jesus, tanto se revela aí o ser humano».

Daniel José Ribeiro de Faria



Encontro de Companheirismo da América Latina e Caribe

Parcerias de proximidade, Liderança e Capacidade Financeira

A Ilha da Jamaica, situada no Caribe, acolheu de 26 a 31 de outubro de 2017, um grande encontro promovido pela Trinity Church Wall Street, da Igreja Episcopal, dos Estados Unidos da América. Viajar até à Jamaica implicou 4 voos e mais de 30 horas de avião. O fuso horário era de menos 6 horas e fazia bastante calor, com mínimas de 26 graus e máximas de 32, com bastante humidade. Num só dia trovejava, chovia e fazia sol, um clima tropical. Por convite da organização, a Igreja Lusitana esteve representada pelo Bispo D. Jorge Pina Cabral e pelos Arciprestes do Norte e Sul, Revº Sérgio Alves e Revº Fernando Santos, respetivamente.

O hotel onde o evento teve lugar situava-se na cidade de Montego Bay e gozava duma localização privilegiada, em frente ao mar, com um enquadramento verdadeiramente paradisíaco, bucólico, capaz de proporcionar uma sensação efetiva de tranquilidade, retiro e paz, condições importantes para o bom rendimento global do encontro, tendo em conta que muitos dos participantes, devido às posições que ocupam na Igreja, estão diariamente sujeitos a pressões que provocam desgaste e stress.

Participaram mais de 80 responsáveis de Dioceses e Províncias Anglicanas, assessorados por uma equipa profissional, composta por 16 elementos, incluindo tradutores. Este encontro vem na sequência de outros realizados em 2015, na cidade de S. Paulo, Brasil e em 2016, na cidade do Panamá, nos quais foram lançadas bases de conhecimento, relação e parceria, capazes de proporcionar novas respostas de missão nos tempos atuais. O encontro começou e terminou com a vivência do sacramento da Eucaristia, em contexto de diversidade (cores, sons, estética) das Igrejas que presidiam. Em unidade, no Cristo, que se dá, reúne e capacita renovadamente para a missão.

O programa diário contemplou momentos de estudo bíblico e oração, tendo como ponto alto as apresentações temáticas: construção de liderança; construção de capacidade financeira; sustentabilidade financeira; formação de líderes; planeamento estratégico; parcerias e construção de novas oportunidades de missão, trabalho em pequenos grupos, tempos de confraternização e visitas a Igrejas e projetos de missão Anglicanos na Jamaica. Participar neste encontro, precisamente dois meses após ter terminado um MBA e Pós Graduação em Gestão, constituiu para mim uma bênção pela qual estou agradecido à Igreja.

Proporcionou novas relações pessoais e eclesiais, conhecer novos projetos e fundos de apoio à missão e, sobretudo, a oportunidade de assistir à materialização da relação entre fé e a razão ao nível da “gestão” para a missão da Igreja. Os conceitos teóricos e boas práticas apresentados, forjados em contextos muitos vezes adversos, configuraram metodologias de visão e ação que considerei ousadas, empreendedoras e proféticas, porque como lemos no livro de Provérbios 29, 18 “(...) “quando não há visão profética o povo morre (...)”.

“Pastoral para as finanças e finanças para uma pastoral” foram palavras que me tocaram e orientaram, porque coincidentemente naquela ambiência do encontro aproveitamos para trabalhar na elaboração do projeto de orçamento diocesano para o ano 2018. A Igreja de Wall Street continuará, no próximo ano, a apostar na capacitação e querendo Deus alargará a oportunidade a novas realidades.

Rev. Sérgio Alves

Partida para a glória do Pastor Cardoso

— um testemunho —



Num destes dias fui surpreendido com o falecimento do Pastor Presbiteriano Manuel Cardoso. Sabia da sua idade de 80 anos e também das muitas doenças que o afetaram na parte final da sua vida. No entanto, como a nossa relação com a morte é de distanciamento, a notícia do falecimento de alguém apanha-nos sempre desprevenido. Foi o que me aconteceu.

Ao relembrar o passado da nossa relação, representando eu a Igreja Lusitana e ele a Igreja Presbiteriana, acudiu-se-me à mente as palavras de Jesus no Sermão do Monte “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (S. Mat 5,8).

O Pastor Cardoso não era uma figura de empatia imediata. Precisava-se de contacto amiudado para conhecê-lo e descobrir a sua integridade, honradez e amizade verdadeira e profunda. Aquando da sua eleição para Secretário-geral do COPIC – Conselho Português de Igrejas Cristãs, tendo em conta o pouco que conhecia dele, na minha qualidade de hierarca de uma das três Igrejas que constituíam o Conselho, votei contra. E, assim, a sua eleição foi assegurada pelos votos a

favor dos hierarcas das outras duas Igrejas a Metodista e a Presbiteriana. Porém, depressa me apercebi do meu erro de apreciação.

A realidade dos inúmeros contactos pessoais e telefónicos que mantivemos mostrou-me o verdadeiro carácter do Pastor Cardoso, íntegro na relação entre a fé e a vida, comprometido com a função que desempenhava com um verdadeiro espírito de serviço. Descobri, então, que era a pessoa certa para suceder na função ao Pastor Ireneu Cunha. De trato afável e humilde, sempre pronto a ouvir o seu interlocutor, de grande eficácia na execução das decisões da Direção do Conselho, o Pastor Cardoso manifestou-se a pessoa de quem o COPIC precisava para enfrentar as diversas e difíceis circunstâncias em que na altura se viu envolvido.

A par disso, mostrou-se também um elemento precioso para a alargada atividade ecuménica que naquele tempo o Conselho desenvolveu, no contexto de relações interconfessionais com a Aliança Evangélica Portuguesa e com a Igreja Católica Romana. Os representantes desta, da Comissão para a Doutrina da Fé, reconheceram a sua importante e dotada ação quando ocorreu o fim da função de Secretário-geral do COPIC.

Em resumo, vi em Manuel Cardoso um pastor de alma aberta e compromisso com a sua Igreja e seu Senhor. Que Deus o tenha na Sua eterna glória.

Este é o meu testemunho, simples, mas sincero, aquilo que após ter conhecimento da sua morte me veio à mente e me levou a um momento de recolhimento. Deixo, ainda, uma palavra de amizade a sua Esposa, D. Zulmira, que comigo trabalhou com singeleza e lealdade nos anos em que fui Presidente em exercício do Copic. A partir de agora é um novo tempo de estar com seu marido, de modo diferente, na fé no Senhor Jesus, que é ressurreição e vida. Que Deus a guarde e abençoe.

+ Fernando
Bispo Emérito

Personalidades e gente real

Um bispo na alma e memória de um povo



D. Luís César Pereira (1908-1984) encontra-se na memória e alma não só da Igreja Lusitana como do povo de Vila Franca de Xira. Conhecido como o médico dos pobres pelo serviço clínico que exerceu entre os mais desfavorecidos, D. Luís dá hoje nome ao parque urbano da cidade de Vila Franca de Xira no qual existe uma estátua sua de bronze e de corpo inteiro com as vestes episcopais.

O seu busto está também presente junto ao antigo hospital desta cidade ribatejana e a sua vida enquanto cidadão, médico e bispo inspirou já diversas homenagens e trabalhos diversos.

Mais recentemente e da autoria do graffiter vilafraquense Vile (Rodrigo Nunes), a pintura do segundo bispo sagrado da Igreja Lusitana está em local público (junto à Escola Secundária Alves Redol) rodeada de outras, de gente marcante da história e cultura vilafraquense.

Sem desmerecer a sua figura, o seu lado a lado com outros, ajuda a perceber como a religião e o testemunho da fé cristã são também dimensão indelével da cultura e identidade de um povo.



Pelo seu sentido o Novo Despertar dá conta deste interessante mural que sendo a expressão de uma arte moderna ajuda a perpetuar no tempo e para os mais novos a vida e obra dos seus antepassados.



Sinais dos tempos

A Europa começa a habituar-se (?) a sofrer aos poucos aquilo que os Estados Unidos já tinham sofrido numa vez no atentado do 11 de Setembro às Torres Gémeas. Creio que este tipo de terrorismo pode ser considerado um indicio daquilo que a Bíblia indica como “sinais dos tempos” e incluem o que nalgumas traduções é chamado sedições. A nível local e regional sempre houve, mas agora é global.

Sediciosos refere-se a pessoas e grupos radicais, disidentes violentos, com intenções políticas e motivações supostamente religiosas... São crentes mais fiéis que os outros e portanto é legítimo e louvável matarem os “inimigos de Deus”. No tempo de Jesus o grupo judaico mais conhecido, nesta linha, eram os zelotes. Mas houve outros, noutras épocas e noutros países. Muitas vezes nem há um chefe central, mas pequenos grupos autónomos e incontroláveis, embora as ideias centrais possam ter um homem como referência.

“Por vezes alguns sinais são claros, mas outras vezes são simbólicos e mais difíceis”

No sentido contrário há um pormenor muito esquecido. Pelo menos nos primeiros 4 ou 5 séculos o Cristianismo, ao contrário de outras religiões monoteístas, não tem, nem na sua origem nem na essência, um projecto político ou militar. Nem nacionalista, nem imperialista. Tem, isso sim, um projecto espiritual, universalista, com implicações sociais e éticas e uma proclamação de esperança que vai muito além, até para além de tudo que o Mundo pudesse conseguir de bom. Mas não admite que os fins justifiquem os meios. “O meu reino não é deste mundo”, deve ter deixado muitos judeus perplexos sobre qual seria então a missão de Jesus... Mas o facto de muitos não terem seguido o rumo aconselhado pelo Salvador levou à destruição de Jerusalém, como sinal visível, poucos anos depois. E a situação actual seria muito diferente se houvesse mais cristãos a 100%, e não semi-cristãos ou pseudo-cristão.

Ler a Bíblia com atenção leva a interpretar melhor textos que há dois mil anos seriam difíceis. Por exemplo “Muitos correrão de uma para outra parte e a ciência se multiplicará” (Daniel 12,4). Por outro lado, há alguns sinais concretos, no livro do Apocalipse, no sermão profético de Jesus e em várias passagens dis-

persas. Por vezes alguns sinais são claros, mas outras vezes são simbólicos e mais difíceis. Sinais na natureza, nos céus, na terra, no mar e na sociedade humana. Mas também sinais espirituais, por exemplo aumento da fúria do “maligno”. E por se multiplicar a iniquidade o amor de muitos esfriará (Mateus 24,12). Outro texto com sentido semelhante “Quando o Filho do Homem voltar porventura achará Fé na Terra? (S. Lucas 18,8).

Nos textos escatológicos, muitas frases são em código antigo e muita gente acha difícil entender o sentido.

Mas os acontecimentos mundiais, e ainda alguns relativos a Israel, devem ser motivo de atenção, com os olhos da Fé e não apenas de jornalista. Por exemplo as referências bíblicas à “grande tribulação” referem-se a toda a humanidade. Mas é possível interpretar que a tribulação reservada aos judeus, já foi cumprida, no Holocausto da II Guerra Mundial. E é espantoso que quando parecia que esse povo ia ser extinto, eis que ao fim de quase dois mil anos, Israel, em 1948 torna a ser país independente. Este sinal é para judeus e para cristãos.

Além disso, no Século XX, três judeus famosos influenciaram a nível mundial a história, a política e as ciências – Marx, Freud e Einstein. De modo directo e indirecto deram origem a acontecimentos e descobertas, algumas espantosas. Nomeadamente: O novo ateísmo militante. Nova filosofia e psiquiatria. As guerras passaram a mundiais, e armas atómicas. Os satélites artificiais e viagens interplanetárias. Modernos computadores e “Inteligência artificial”. As descobertas da genética humana.

O controle da vida pessoal nas câmaras de vigilância e nos modernos meios de electrónica. É curioso o “Big Brother” da literatura ser semelhante a Apocalipse 13,17. Há novas teologias, que se afastam de Cristo...?. A 2ª vinda de Cristo. Não especulemos, pois é da História e planos Divinos, e só depois da história humana. Veja-se Apocalipse 8,7 e 8, ou 16,9. Não se pode ver aqui algo dos riscos de que falam os ecologistas?...

Fiquemos por aqui. A riqueza dos textos bíblicos é inesgotável, por isso mesmo todos nós juntos não entendemos tudo. Claro, estamos a falar de nós, mas também do Deus infinito. E nós, infinitos, como o entenderíamos? Mas sabemos o principal, Deus ama-nos e Jesus é a prova visível desse Amor.

Rev. Jorge Barros

Nestes dias de vida azafamada

Início de ano litúrgico, prenúncio da época natalícia, o quotidiano complica-se. Explode a chamada ao consumismo e ao entretenimento, duplica o trânsito, aumenta a confusão, crescem os níveis de stresse e ansiedade, e a vida desenrola-se numa cansativa azáfama. Nem a música batida e persistente deste tempo, a que as razões mercantilistas obrigam, apaga a tendência de fazer do Natal uma festa sem significado religioso. Como alguém escreveu, o Natal ficou sem menino Jesus e a Árvore de Natal passou a ser um cone iluminado.

É neste contexto que chamo a vossa atenção para dois textos da Sagrada Escritura, que peço a Deus vos iluminem. Antes de os ler é bom que se perceba que os relatos dos Evangelhos não foram escritos simplesmente para nossa informação sobre tudo o que Jesus disse e fez. Antes, os seus autores tiveram por primeira preocupação que através deles compreendêssemos a mensagem que a forma de viver de Jesus nos deixou, para que a nossa vida seja o mais semelhante possível à Sua forma de viver.

Vamos ao primeiro. Nos capítulos 1 e 2 do Evangelho de S. Lucas, onde se narram os nascimentos de João Batista e de Jesus, verificamos que Zacarias e Maria, a quem são anunciados pelo anjo do Senhor, têm uma mesma reação de temor. Por isso o anjo exclama a cada um deles “não temas!”. Ainda, quando o Anjo envolveu os pastores com a luz da “glória do Senhor” eles sentiram um “grande temor” e ouviram as mesmas palavras “não temas!”. O impacto da presença de Deus na vida daquelas pessoas repercutiu-se no seu próprio modo de estar, do medo à alegria. Ou seja, a manifestação de Deus causa sempre um arrepio, um sentimento de temor que se desvanece à medida que nos deixamos iluminar pela Sua luz penetrante e purificadora.

Também, Jesus não veio para nos aquietar. Antes, apresentou-se e viveu para nos apresentar uma nova visão da realidade divina que nos toma pela misericórdia e pelo amor mas também nos impele a uma mudança de vida (S. João 3,7). Ele interpela-nos e insiste na necessidade de assumirmos riscos na gestão das dádivas com que Deus nos cumula, no respeito e solidariedade com os outros, e ensina-nos a viver com seriedade e coerência o mistério de Deus na nossa existência.

O outro texto, ao arrepio do anterior. No primeiro domingo do Advento o Evangelho chamou-nos à vigilância porque não sabemos “quando chegará o tempo” (S. Marcos 13,37). O que quererá isto dizer?

Um centurião romano daquele tempo – que teve de fazer um juramento de fidelidade ao Imperador

adorando-o como a um “deus” – procurou Jesus para pedir-Lhe ajuda para o seu servo muito sofrente, talvez de morte. E Jesus, perante aquele militar que aos olhos do judaísmo era simplesmente um herege, um pagão, admira-se daquela atitude misericordiosa e conclui que não tinha encontrado em Israel ninguém que tivesse tal fé (S. Mateus 8,5-11). Isto é, o Senhor, naquele homem e sua atitude, desvaloriza a religião da fidelidade ao Imperador e realça a força da sua bondade perante o sofrimento do seu servo. Jesus mostra, assim, quanto a sensibilidade perante o sofrimento, o empenho em remediá-lo e a confiança em Jesus que pode solucioná-lo são os aspetos decisivos na Sua apreciação. Como li num comentário ao Evangelho diário “o primeiro, para Jesus, foi sempre o comportamento ético, a bondade das pessoas, a sensibilidade que os humanos têm perante o sofrimento alheio.”

Então, a vigilância a que Jesus nos chama não é a da nossa preparação com referência às grandes catástrofes naturais ou outras ou até mesmo a morte. Ele incita-nos a vigiar o nosso estado de alma, a nossa relação com Deus como “projeto de vida”. Tal requer que paremos para ir à essência das coisas, do nosso ser, estar atento(a), olhar com inteligência a imensidade do que nos aprisiona na realidade do dia-a-dia. É isso a que Jesus nos chama. A fé requer a compreensão simples da nossa existência, a confiança plena na misericórdia divina, o olhar comprometido com quem de nós precisa. Assim caminhamos em direção à verdade e esta nos liberta (S. João 8,32). Deus não nos larga e no Seu amor profundo vai-nos amolecendo e fazendo “ver” o que é essencial e que realmente nos traz felicidade: a honestidade, a verdade, o compromisso, a solidariedade, a justiça. Numa palavra, o que Jesus nos quer dizer com aquela exortação é vigiai, não com medo do que vos vai acontecer pelo caminho, mas, pelo modo como estais a caminho.

Jesus – esse mesmo cujo nascimento celebramos no Natal – coloca no centro da experiência religiosa o amor de Deus. E o Apóstolo S. João resume o que podemos chamar a “arquitetura da nossa vida” escrevendo na sua primeira carta: “Vede que prova de amor nos deu o Pai: sermos chamados filhos de Deus. E nós o somos!” (I João 3,1) .

Que o sejamos num Natal de alegria, de paz e de solidariedade.

*+ Fernando
Bispo Emérito*

i José M. Castilho “La Religión de Jesús, Comentario al Evangelio diário - Ciclo B (2017-2018)”, Editorial Desclee, pg. 11

ii José Tolentino de Mendonça, “O Pequeno Caminho das Grandes Perguntas”, Quetzal, pág. 29

iii Bíblia de Jerusalém

E A PALAVRA FEZ-SE CARNE.

JESUS PARTILHA COMPLETAMENTE DO QUE É SER-SE HUMANO.

DEUS VEM ATÉ NÓS E FALA-NOS ATRAVÉS DA LINGUAGEM HUMANA DE JESUS.

ENTÃO, JESUS É VERDADEIRAMENTE HOMEM E VERDADEIRAMENTE DEUS.

ELE É O PONTO DE ENCONTRO ENTRE AS NOSSAS FRAQUEZAS E A NOSSA MORTAL E FRÁGIL CARNE E A VIDA ETERNA DE DEUS.

NELE, A VIDA E A MORTE, O CÉU E A TERRA, HUMANIDADE E DEUS ESTÃO UNIDAS.

JESUS NÃO É SÓ UM SER HUMANO PERFEITO, ELE É TOTALMENTE DEUS.

*BISPO STEPHEN COTTRELL
DIOCESE ANGLICANA DE CHELMSFORD*